

Alma desvendada

Brasília afinal terá conhecido sua alma de cidade, na eleição de ontem, com a mobilização cívica para eleger o futuro Presidente da República.

Os contornos dessa alma desconhecida começaram a ser revelados durante a campanha política dos candidatos, especialmente Fernando Collor de Mello e Luiz Inácio da Silva, os que mais arrebatarem o espírito do tempo de Brasília, que vinha até agora mantido nebuloso. Brasília desde já passa a ser capital com alma, participação, militância, arrojo e garra. Em 1990, esse espírito irá decidir o futuro da comunidade, sem a tutela de governantes desengajados de seu futuro e sorte. A eleição de ontem, revelando em todas as partes do Distrito Federal um sentimento em favor de reformas, quebra um tabu de capital administrativa e fria, de tão fria que votou protesto. Votou mudança.

As campanhas de Collor e Lula terminaram, uma na Ceilândia, outra na rampa do Congresso, e seus militantes entraram em polémica para situar o verdadeiro número dos participantes. A guerra dos indicadores deu a ambos, todavia, pequenas margens de diferença, de acordo com quem fazia a análise dos manifestantes presentes. Mas isso já não interessa. Já temos por estas horas o ganhador presuntivo da eleição desenhado pelos institutos de pesquisa, com base na boca de urna da eleição de ontem, em todo o País. Amanhecemos ainda com milhões de urnas caladas, mas com o Presidente sinalizado. Para os habitantes de Brasília, a perspectiva de que, eleito e proclamado o novo Presiden-

te da República, passará a capital a ter preferência nas equações político-administrativas para o futuro próximo, uma vez que o chefe do Governo aqui morará, se já não mora efetivamente.

O processo de escolha do governador do Distrito Federal em mandato-tampão até 3 de outubro se imporá logo a seguir como o primeiro desdobramento da eleição de ontem. Já a partir de hoje virão a Brasília os governadores do PMDB e demais partidos para se inteirarem do que a eleição produziu de consequências para a política regional. Começa hoje, de fato, a campanha eleitoral de 1990.

Nomes não faltarão para que Brasília participe dessas equações não mais com sentimento de cidadela do Poder, intocável e gélida, mas como autêntica cidade política, com alma revelada. O governador Joaquim Roriz tem despontado como administrador eficiente. Surgem outros nomes de empresários com interesse e amor pela cidade para se candidatarem ao Governo do Distrito Federal, para conduzir seu projeto de modernização nos anos 90, a exemplo de Paulo Octávio Pereira, preferido de Collor. Brasília já formou uma geração de empresários, executivos e administradores, de talento e conceito, conhecidos no País. Todos estarão interessados em dar ao Presidente da República, com domicílio na cidade, passando aqui até seus fins de semana, a garantia de uma administração competente, para que o futuro governo não se veja assaltado pela crise paroquial, enquanto tenta impedir a catástrofe federal.